



3821 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

#### HISTÓRIAS DE VIDA MULHERES AFRODESCENDENTES DE SUCESSO: TRAJETÓRIAS NA EJA PELO DIREITO À CIDADANIA PLENA

Efigênia Alves Neres - UFPI - Universidade Federal do Piauí

Antonia Regina dos Santos Abreu Alves - UFPI - Universidade Federal do Piauí

O presente trabalho compartilha resultados de uma pesquisa à nível de mestrado, inserida na temática da Educação, Gênero e Afrodescendência, que faz uma análise sociológica das estratégias utilizadas por mulheres afrodescendentes para alcançarem os espaços de poder e obterem o "sucesso" desejado por cada uma delas. Problemática como essas sujeitas experimentam e interpretam a sua trajetória de vida e sua passagem pela Educação de Jovens e Adultos e quais as implicações disso em suas formas de organização da vida e na superação das suas dificuldades socioculturais, baseadas nas questões de raça, gênero e classe. A metodologia da pesquisa compreende uma abordagem qualitativa, inspirada nas orientações de Melluci (2005), adota os conceitos das Metodologias Feministas, especificamente o Feminismo Interseccional e tem como método de investigação as Histórias de Vida, baseado nos estudos de Josso (2004). As discussões serão feitas a partir das contribuições de autoras/es que nos ajudam a repensar as trajetórias de vida e educacionais de mulheres afrodescendentes de "sucesso", bem como o itinerário dessas sujeitas na EJA, a citar: Boakari (2015), Carneiro (2005), Arroyo (2017), Chantler e Burns (2015), Martins (2013), etc.

**Palavras-chaves:** Mulheres Afrodescendentes. Sucesso. EJA.

#### HISTÓRIAS DE VIDA MULHERES AFRODESCENDENTES DE SUCESSO: TRAJETÓRIAS NA EJA PELO DIREITO À CIDADANIA PLENA

##### 1 De onde partimos? Interseções entre as questões de Gênero, Raça e Classe na EJA

Na atualidade ainda permeia no imaginário social a representação negativa referente à mulher afrodescendente e aos lugares ocupados pela mesma na sociedade. Esse processo resulta da histórica relação de dominação/exploração/silenciamento a que a mulher sofreu e continua sofrendo ao longo do tempo.

Há uma tentativa histórica na cultura ocidental de inculcar nos seres humanos a ideologia da "inferioridade" feminina, que se recorre frequentemente ao argumento de que as mulheres são menos inteligentes e habilidosas que os homens. Tal ideologia reforça estruturas políticas e sociais, baseadas no sistema patriarcal, que assentado em bases machistas, reduz as oportunidades de participação social das mulheres e promove a divisão sexual do trabalho.

Quando se fala das mulheres afrodescendentes e pobres essa problemática se acentua, pois a elas são utilizados inúmeros adjetivos depreciativos, piadas raciais humilhantes, assédios sexuais e tratamentos desumanos que colaboram para firmar no imaginário social as representações negativas deste grupo étnico-racial e de gênero. Nesta perspectiva, Boakari (2015, p. 29) afirma que:

A mulher afrodescendente (...) continua sendo desafiada porque é mulher. Uma afrodescendente que pode se encontrar em condições economicamente desfavoráveis tem que comprovar as suas competências, capacidades, outras qualidades em todas as horas e contextos. Uma vida de testes e testagem permanentes. Vivência histórica de provações, autoavaliações, questionamentos, autoafirmação, desconfianças e autoconfiança cotidianas.

Deste modo, evidenciamos que a discriminação contra a mulher e as pessoas afrodescendentes no Brasil se apresenta como uma questão socialmente construída para beneficiar quem controla o poder econômico e político. O poder aqui é macho, branco e heterossexual. Assim, há indicações que as questões de gênero, raça e classe devem ser enfrentadas conjuntamente, visando a construção de uma sociedade mais justa com oportunidades iguais a homens e mulheres, brancos ou negros, ricos ou pobres. Para tratar deste dispositivo de racialidade/biopoder que opera na sociedade brasileira Carneiro (2005, p.97) contribui com esse debate buscando o conceito de Epistemicídio que é:

(...) para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação (...) pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.

Como tentativa de determinar os lugares que a mulher afrodescendente e pobre deve ocupar, evidencia-se ao longo da história do Brasil que essa realidade também se concretiza na escola, quando a educação reproduz esse sistema excludente. Um dos fatores determinantes é que o sistema educacional esteve e continua estruturado de modo a proporcionar à elite branca acesso à melhor formação possível, restando às classes populares uma escolarização precária e aligeirada, muitas das vezes pela via compensatória, como é o caso da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A história da EJA desde os primórdios está atrelada a relação educação e trabalho, haja vista seu caráter compensatório, pois se destina a jovens e adultos, homens e mulheres, em sua maioria trabalhadores/as afrodescendentes que não tiveram na idade própria acesso ou continuidade de estudos.

Para tanto, o grande desafio colocado é que a EJA não seja apenas uma segunda oportunidade de escolarização, em termos do que se crítica como uma “educação pobre para os pobres”, mas se propõe outras formas de educação que venham a dotar os educandos/as de atitudes, para que possam entender e criticar a realidade em que vivem e, em consequência, propor alternativas para sua transformação. Sobre isso Arroyo (2017, p.37) postula que:

Cresce a consciência entre os educadores/as de que não há como construir um projeto de educação nem atuar com seus/suas docentes/educadores/as sem ter uma compreensão aprofundada, pedagógica dessas estreitas relações entre as vivências de classe, do trabalho, do espaço e a construção de autoidentidades. Uma das funções de toda a docência é trabalhar essas autoimagens pessoais e coletivas de classe, raça. Valorizar as resistências e os esforços por construir imagens positivas em outro projeto de cidade, de campo. De sociedade. Em outro projeto de escola e de EJA, que assumam as radicalidades humanas que os educandos conferem a seus itinerários pela educação, pelo direito a uma vida justa.

Partindo dessas discussões, o estudo aqui apresentado faz parte de uma pesquisa realizada à nível de mestrado, inserida na temática da Educação, Gênero e Afrodescendência, que busca fazer uma análise sociológica das estratégias utilizadas por algumas mulheres afrodescendentes para alcançarem os espaços de poder e obterem o “sucesso” desejado por cada uma delas, de maneira singular. Pretende-se problematizar como essas participantes, experimentam e interpretam a sua trajetória de vida e sua passagem pela EJA, e quais as implicações disso em suas formas de organização da vida e na superação das suas dificuldades socioculturais, baseadas nas questões de raça, gênero e classe.

## **2 Que caminhos percorreremos? Contribuições do Feminismo Interseccional e das Histórias de Vida como produção do conhecimento**

Compreendendo a multiplicidade dos fenômenos sociais e a dialogicidade que permeiam as interações entre as pessoas, optamos neste trabalho pela pesquisa de abordagem Qualitativa inspirada nas orientações de Melluci (2005), considerando que ela nos ajudará em uma maior aproximação e diálogo com as mulheres afrodescendentes, participantes desta pesquisa, que estudaram na EJA e conseguiram alcançar o “sucesso” conquistar a cidadania por meio da educação, processo a que se denomina neste estudo de afrocidadanização, conceito forjado por Guimarães (2013).

Este conceito traz à tona questões imersas nas raízes históricas da sociedade brasileira, em que a cultura política sempre reservou aos afrodescendentes uma posição subalterna na hierarquia social. No entanto, a partir da luta pela ampliação das oportunidades de ingresso de estudantes afrodescendentes no ensino superior, a situação de subalternidade destes profissionais começa a se transformar substancialmente, apontando como condição de futuro a possibilidade do aumento da presença em posições hierárquicas e de destaque.

Este estudo percebe a pesquisa como um processo intrinsecamente político e se atenta adota aos princípios das Metodologias Feministas, as quais estão ligadas às histórias das lutas feministas, em especial a busca da justiça social para mulheres, que está incorporada a contextos críticos e emancipatórios e pretende examinar as relações de poder na produção de conhecimento (CHANTLER e BURNS, 2015). É sabido que existem vários feminismos, que o movimento é diverso e heterogêneo e nele existem vários modos de atuação.

Neste estudo, nos centraremos na vertente do Feminismo Interseccional, por acreditar que o gênero não é o único fator de discriminação, e que há a necessidade de estudar outros fatores de discriminação juntos, por causa da relação que cada um estabelece com o outro. O Feminismo Interseccional, surgiu em 1989, na terceira onda do Movimento Feminista, como um termo cunhado pela professora norte-americana Kimberlé Crenshaw. Esta vertente defende que intersecções ou recortes de opressões e vivências, devem ser feitos quando se for analisar as estruturas sociais de dominação-exploração, assim como as pessoas que são atingidas (des) favorecidamente por elas. Ressalta, o recorte de gênero, de raça e de classe, reconhecendo que as mulheres não sofrem todas juntas as mesmas opressões.

Como forma de conhecer as interlocutoras da pesquisa, será utilizado o Método da História de Vida, que emprega as narrativas das vivências das participantes para levá-las a um processo de transformação. Sobre este método Josso (2004) afirma que esta transformação que se inscreve na História de vida, como projeto de conhecimento e de formação, acontece quando a pessoa toma consciência de si mesmo, encarando sua trajetória de vida, os objetivos, as experiências formadoras, os grupos de convívio, os encontros e desencontros e assim, por meio dessa conscientização ela vai criando e entendendo os sentidos e significados da sua vida.

Na produção dos dados da investigação, serão utilizados as Entrevistas de Histórias de Vida, com até 05 (cinco) mulheres afrodescendentes. A opção por esse instrumento se deve ao fato de que esta técnica apresenta como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Além desse instrumento de pesquisa, será utilizado o Diário de Itinerância, em que serão registrados os sentimentos, pensamentos, desejos, sonhos, não só das mulheres pesquisadas, mas também da pesquisadora.

Para analisar os dados, optou-se por uma análise descritiva, analítica e interpretativa do discurso, em que se recorrerá ao trabalho de Michel Foucault, visando entender como o poder e a ideologia operam por meio de sistemas de discurso e também ao pensamento de Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999). A Análise do Discurso da Entrevista de História de Vida terá por objetivo explicitar as informações e significados pertinentes nela contidos, focalizando as histórias das mulheres afrodescendentes e entendendo por que razões elas estão sendo contadas desse maneira, naquele momento.

## **3. Itinerários na EJA: histórias de vida de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional**

No Brasil, a EJA continua enfrentando problemas de aceitação. Geralmente é considerada como um ensino “inferior” para fracassados/as. Entretanto, esta impressão não seria uma generalização sem fundamento?

Contar nossas próprias histórias e falar sobre o “sucesso” de mulheres afrodescendentes se faz extremamente importante, porque esse é um lugar que não costuma ser dado gratuitamente para as mulheres. A gente teve e ainda tem que insistir para mostrar que nossas experiências, histórias e narrativas têm valor. Há ainda resquícios de um certo pré-conceito ou desprezo machista da sociedade, no sentido de achar que conteúdo e histórias de mulheres, ainda que sejam histórias reais, têm algo de mais frágil, mais suave, naquele estereótipo de “mulher sensível”.

Neste estudo a ideia não é somente ressaltar histórias de mulheres que se destacaram por lutar pelos direitos da mulher de alguma forma, pelo direito ao estudo ou simplesmente pelo direito de ser e falar o que quiser, sem a condenação por isso, por uma questão de gênero, raça ou classe. A ideia também é

(...) focalizar a questão da mulher afrodescendente de êxito social onde o “sucesso é visto de outra maneira... explicado através da realização das/os outras/os, como satisfação em ver a/o outra/o feliz por causa das suas contribuições. Sucesso como possibilidade de fazer o que considera correto/relevante para efetivar mudanças positivas na vida de outras pessoas. (...) São mulheres desconhecidas porque o que fazem também não recebe da sociedade, o valor que merece. Entretanto, para o grupo dos historicamente excluídos e sistematicamente marginalizados, estas mulheres falam uma língua inestimável porque continuam a tradição de seus antepassados que viviam por causa de outras pessoas, vidas dedicadas aos outros a fim de ajudar na humanização da comunidade para contribuir na hominização do mundo (BOAKARI, 2015, p.33-34).

Dessa forma, a constituição das mulheres afrodescendentes como sujeitas de direito está diretamente vinculada à emergência de sua emancipação, processo no qual a organização coletiva, as/os pesquisadora/es, a família, ocupam papel fundamental. Na atualidade, as temáticas relacionadas às mulheres afrodescendentes têm merecido diversas abordagens, nisso verifica-se um fortalecimento do seu papel na sociedade frente a séculos de tentativas de dissolução de sua identidade (MARTINS, 2013).

Sendo assim, a saída da EJA e a passagem pela universidade, além de ampliar o capital cultural, oferecendo melhores oportunidades de ingresso na esfera do trabalho, amplia também o capital social, abrindo avenidas de mobilidade que normalmente estariam fechadas para a população afrodescendentes. De tal modo, apesar de toda a situação social e educacional que as mulheres afrodescendentes estão inseridas, há que se celebrar alguns avanços.

Esses avanços são resultado de uma cobrança da população, em especial dos movimentos sociais, por políticas públicas que garantam a todas oportunidades e tratamento igual. Dessa maneira, acreditamos que o acesso à educação para a mulher afrodescendente contribui não somente para uma mobilidade social vertical ascendente, ou seja, a conquista de grau acadêmico, mas permite que haja mobilidade no sentido horizontal, que é o compartilhamento de informações entre grupos sociais distintos.

#### 4. Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da Noite do Trabalho para a EJA: Itinerários pelo Direito a uma Vida Justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CHANTLER Khatidja. BURNS, Diane. Metodologias Feministas. In.: BRIDGET, Somekh. LEWIN, Cathy (org.). **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 111-120.

BOAKARI, Francis Musa. Mulheres Afrodescendentes de Sucesso: o discurso do fazer, fazendo diferenças. In \_\_\_\_\_: **Educação, Gênero e Afrodescendência: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social**. Curitiba, PR:CRV, 2015. p. 21-44.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como não-ser como fundamento do ser**. FEUSP, 2005. (Tese de Doutorado). Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 02 julh. 2018.

GUIMARÃES, R.S. **Afrocidanização: ações afirmativas e trajetórias de vida no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Selo Negro, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MELUCCI, Albert. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura** (Maria do C. A. do Bomfim, Trad.). Petrópolis: Vozes, 2005.

MARTINS, Lucienia Libania Pinheiro. **Aforresilientes: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional**. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de vida: teoria e prática**. Lisboa: Celta, 1999.